

A INVOCAÇÃO AO “NEGRINHO DO PASTOREIO”: FERNANDES BARBOSA (1910-1988) EM DEFESA DO NEGRO E DO ÍNDIO

THE INVOCATION TO THE “NEGRINHO DO PASTOREIO”: FERNANDES BARBOSA (1910-1988) IN DEFENSE OF BLACKS AND INDIANS

Ellen dos Santos Oliveira*

RESUMO: Este trabalho apresenta uma discussão sobre a invocação ao “Negrinho do Pastoreio” feita por meio de “Cartas ao Negrinho do Pastoreio”, de Walter Spalding, sob o pseudônimo de “Blau Severo”, direcionadas a Fernandes Barbosa na década de 1950. Cartas estas que surgiram da “Polêmica em torno de Sepé Tiaraju”, no Instituto Historiográfico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, quando membros do Instituto se dividiam entre dois modelos de História: aquele que preservava a narração da História, mantendo a ótica do colonizador; e o que narrava a história sob a perspectiva do colonizado, incluindo as narrativas populares, como as lendas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira. Fernandes Barbosa. Negrinho do Pastoreio. Walter Spalding.

ABSTRACT: This article presents a discussion about the invocation of the “Negrinho do Pastoreio” made through “Letters to the Negrinho do Pastoreio”, by Walter Spalding, under the pseudonym of “Blau Severo”, addressed to Fernandes Barbosa in the 1950s. These letters arose from the “Controversy surrounding Sepé Tiaraju”, at the Historiographical and Geographic Institute of Rio Grande do Sul – IHGRGS, when members of the Institute were divided between two models of History: the one that preserved the narration of History, maintaining the perspective of the colonizer; and one that narrated history from the perspective of the colonized, including popular narratives, such as legends.

KEYWORDS: Brazilian literature. Fernandes Barbosa. Negrinho do Pastoring. Walter Spalding.

* Doutora em Letras pela UFS (Universidade Federal de Sergipe). E-mail: ellenzinhaaaa553@gmail.com.

Negrinho do pastoreio: era assim que o amigo historiador, crítico literário e escritor Walter Spalding (1901-1976) se referiu ao poeta Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988), em “Cartas ao Negrinho do Pastoreio”, trocadas entre ambos na década de 50, e publicadas no *Jornal Estado do Rio Grande*. Ao que parece a ficção do “eu” de Fernandes Barbosa em “Negrinho do pastoreio” começou em 1955, quando o poeta de Cachoeira do Sul – RS foi invocado pelo amigo tradicionalista Walter Spalding a defender o herói Sepé Tiaraju, conhecido na História e na Literatura por sua atuação no episódio dos Sete Povos das Missões Jesuíticas quando morreu lutando em defesa da terra na guerra guaranítica que culminou no genocídio de 1.500 índios guaranis.

O motivo da invocação, no entanto, tal como explica Martins (2015), se deve a uma “polêmica em torno de Sepé Tiaraju”, por volta de 1950, envolvendo membros do IHGRGS (Instituto Historiográfico e Geográfico do Rio Grande do Sul) que estavam “divididos entre aqueles que eram a favor e contra que se erigisse um monumento em homenagem ao índio missioneiro”.

De um lado, ao redor de Othelo Rosa, havia uma minoria insatisfeita, mas que “defendia um modelo historiográfico no qual não havia espaço para os novos aportes” e novas abordagens historiográficas que buscavam respaldo nas ciências sociais “como o estudo do folclore, das lendas populares, e a inclusão de grupos étnicos como índios e negros”, em suma “indivíduos que não vinham da linhagem portuguesa”. Por outro lado, uma parcela majoritária do IHGRGS “defendia a renovação dos marcos da historiografia” e a inclusão de outros grupos não pertencentes à elite lusa, militar e política” (Martins, 2015, p.248-249).

Em 1955, conforme relata Martins (2015) surge uma reação a um parecer, publicado no *Jornal Correio do Povo*, emitido por Moysés Vellinho no qual ele nega a brasilidade ao indígena Sepé Tiaraju: alguns se colocaram a favor; outros, contra.

Em suma, os defensores do índio lutavam, por meio de argumentos históricos e culturais, em defesa do índio e de uma “verdade histórica”, conforme a posição favorável do intelectual Carlos Reverbel (Martins, 2015, p.250). Esse, inclusive, mantinha uma correspondência com o Fernandes Barbosa, para o qual escreveu o soneto “Paradoxo”.

Participando do debate, conforme explica Martins (2015), Walter Spalding se pronuncia em dezembro de 1955, invocando o “Negrinho amigo”, em “Carta ao Negrinho do Pastoreio”, usando o pseudônimo de Blau Severo (Martins, 2015, p.251). Esse escreve ao poeta Fernandes Barbosa que parece já não representar apenas a si mesmo, mas a cultura popular e o Movimento tradicionalista, cujos defensores reagem estimulados pelo que tomaram como uma ofensa a não exaltação, em forma de monumento escultural do ícone cultural Sepé Tiaraju:

Precisamos Negrinho amigo, defender, custe o que custar contra os donos pretensos da nossa História, as nossas glórias e as nossas tradições. Por isso convido-te a percorrer esse sagrado Rio Grande do Sul e pregar, por todos os recantos, os nobres e sãos ensinamentos de nossa História maravilhosa. E pede à tua Santa Madrinha, meu caro Judiado,

que nos fortaleça e ampare nos nossos direitos, cobrindo-nos com a sua santa benção (*apud*. Martins, 2005, P.31).

Walter Spalding parecia desgostoso com a polêmica, tanto que, conforme Martins (2015), solicitou o desligamento do movimento tradicionalista ao qual havia se integrado desde 1940, assim escreveu se despedindo “por completo do Centro Tradicionalista”, tamanha era sua desilusão com o que chamava de “politicagem” dentro do Movimento (Martins, 2015, p.252-253). Movimento do qual o poeta Fernandes Barbosa fazia parte e, inclusive, seu avô João Cezimbra Jacques foi um dos precursores e que defendia que “um povo sem tradição é como uma árvore sem raízes”, ou seja, concebe a ideia de povo como uma metáfora da natureza e que geneticamente precisa, primeiro, firmar suas raízes para se desenvolver. E, ainda, entende que a “boa tradição é a melhor parte da alma nacional” (Jacques, 2012, p. 17).

Em prefácio ao livro *Assuntos do Rio Grande* (1912), de Cezimbra Jacques, Moreira (2012) apresenta o tio-avô do poeta Fernandes Barbosa como fundador do Grêmio Gaúcho. Ou seja, “primeiro iniciador de sociedades dessa ordem no Rio Grande do Sul” e que “por esse motivo foi agraciado com o honroso título de Patrono do tradicionalismo gaúcho”, a partir de uma “resolução tomada em Congresso Tradicionalista Gaúcho, efetivado na cidade de Rosário do Sul” (Moreira, *apud*. Jacques, 2012, p. 13).

Sabe-se que a invocação é um recurso estilístico e literário utilizado pelos poetas em suas epopeias invocando uma divindade, geralmente musas, suplicando por auxílio, inspiração, amparo, benefício, caridade, compaixão etc. Habitualmente o recurso é utilizado a fim de nortear o processo criativo, seja inspirando-o, seja auxiliando o poeta de algum modo.

Sobre a definição conceitual, Ramalho (2013) explica que na epopeia, a invocação constitui, tradicionalmente, um recurso de efeito retórico relacionado a uma pretensa disparidade entre a dimensão do texto que vai ser escrito e o fôlego do(a) poeta(isa) para realizá-lo. Assim, invocando a musa, registra o (a) poeta (isa) seu pedido de inspiração, amparo, energia e clareza, para que o resultado seja adequado à matéria épica enfocada (Ramalho, 2013, p.62).

No caso em questão, sobre o motivo da invocação ao Negrinho do pastoreio, no contexto da polêmica sobre o índio Sepé Tiaraju, revela o estado de espírito do invocador, Walter Spalding em 1955, vê-se diante de um obstáculo – que surgiu desde 1950, com a polêmica em torno do Sepé Tiaraju – imposto no meio de uma jornada que considera épica: defender o tradicionalismo, que inclui fortalecer suas memórias, suas lendas, sua cultura de modo geral. Nesse percurso, a fim de conseguir fôlego e ânimo para enfrentar as adversidades impostas pelos opositores da tradição. Naquele momento ele recorre a uma entidade que considera superior a ele, no sentido espiritual, pois essa é a lógica da invocação.

Na antiguidade as invocações nas epopeias eram dirigidas às musas, aos deuses, divindades da mitologia greco-romana, geralmente para atuar inspirando o poeta no canto, ou como gênio para guiar os heróis em sua jornada. Com a ascensão do cristianismo, a invocação passou a ser direcionada ao Deus da tradição judaico-cristã e, também, a um sujeito histórico, reconhecendo a relação do indivíduo com o divino e sua capacidade humana-existencial de agir na história e no destino do herói. Na tradição clássica, tal como explica Ramalho (2013),

As musas gregas sempre estiveram, simbólica ou alegoricamente, por trás dos talentos humanos, inspirando, de certo modo, protegendo a criatividade dos artistas (em sua maioria, homens), era em geral a elas, no plural, ou a alguma delas, em especial, que o poema épico clássico se dirigia. [...] Com o advento do cristianismo, a invocação a figuras da mitologia pagã ou foi rechaçada ou utilizada apenas para enfatizar o aspecto retórico e épico do “chamamento”. O destinatário da invocação passou a ser Deus e/ou as figuras relacionadas à religiosidade cristã. Outro procedimento passou, no entanto, a ser comum: a dupla invocação – à musa e a Deus –, cabendo à primeira a cumprir uma função decorativa, relacionada à tradição épica, e, ao segundo, ser, de fato, o sustentáculo moral e religioso do canto (RAMALHO, 2013, p.62).

Dessa forma, Walter Spalding (1955) invoca o “Negrinho do Pastoreio”, conhecido pela tradição cultural e religiosa católica cristã como santo do cristianismo e pela crítica literária como uma imitação de Cristo, apesar de algumas associações do negrinho cristão com o negrinho Saci Pererê que foram rechaçadas pelos tradicionalistas conhecedores da lenda.

Assim sendo, Walter Spalding (1955) invoca a figura do “Negrinho do pastoreio”, mas afinal, ficam duas perguntas pairando no ar: a primeira, que foi feita desde a primeira versão conhecida da lenda, isto é, quem é o negrinho do pastoreio? / E por que invocá-lo para defender o índio ao invés de invocar o próprio Sepé Tiaraju que, inclusive, na história e na cultura popular é consagrado por ser, além de considerado santo pela Igreja Católica, foi um destemido guerreiro de Guerra e legislador?

A LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO

O Negrinho do pastoreio, cultuado como ícone da cultura popular, foi reconhecido no “Discurso Negrinho do pastoreio”, proferido por Olavo Bilac, em 4 de outubro de 1916, na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, cuja lenda vem precedida de uma defesa da literatura, mas não a “literatura ociosa e vã”, mas a que inclui, reflete e valoriza a tradição cultural de um povo. Conforme discursa Olavo Bilac (1916):

Literatura não é apenas filologia e poesia, retórica e estética: é todo o pensamento e toda a palavra, todas as paixões e todas as idéas, todas as formas, todas as cores e todas as harmonias da vida: “é a consciência da humanidade”, como definiu Saint-Beuve. E, como a humanidade é a ampliação da Pátria, é força que cada literatura nacional seja a consciência da nação (Bilac, 1916, p.190).

Em seguida, Olavo Bilac (1916), considerado o príncipe dos poetas, fala sobre a Literatura praticada no Rio Grande do Sul:

A literatura, que aqui praticaes, é a boa literatura. Todos os vossos livros, trazem a luz e o aroma do vosso ar e dos vossos campos. A vossa história e os vossos costumes, a alma da vossa terra e da vossa gente, poesia da natureza, e poesia do povo, vivem nas páginas, que tendes imaginado e publicado. É o melhor louvor que vos posso dar. Exalto e abençoe o nacionalismo literário (Bilac, 1916, p.190).

Olavo Bilac (1916) dá ênfase à importância da literatura sob o ponto de vista regional, e fazendo uma defesa dela no contexto da produção nacionalista, reconhecendo que as lendas produzidas e compartilhadas pelo povo contribuíram muito para a produção e formação da literatura nacional que valoriza o protagonismo popular e as características e peculiaridades de cada região, favorecendo a ascensão cultural que tem origem na experiência humana-existencial do indivíduo com o local e que são relevantes para se pensar o nacional.

O debate ainda é contemporâneo, pois Fernández Bravo (2015) fala sobre a importância da tradição cultural, na qual inclui a lenda do negrinho do pastoreio na formação nacional dos países do Sulamérica e a variedades de discursos que refletem a experiência dos indivíduos com o regional. Conforme explica:

La literatura popular suldamericana está formada por diversos tipos de discursos que incluyen la poesía, as veces acompañada por música – como la poesía gauchesca o los cantos indígenas y folclóricos de las culturas regionales – y también por otras formas literarias como la épica, el teatro o los mitos y leyendas[...] (Bravo, 2015, p.7).

Em contexto amplo da América Latina, é notável que a cultura regional ganhou protagonismo a partir do Romantismo, conforme constata Bravo que, com base em Romero (1888) e Rojas (1917-1923), afirma que “*Fueron justamente las literaturas nacionales y el aparato crítico que acompaño su emergência a partir del Romanticismo – de flerte impronta em América Latina*” (Bravo, 2015, p.7). Tal como Bravo (2015) defende

Los mitos y leyendas son um tipo de producción simbólica comum, em el sentido que representan universos conceptuales compartidos por

grupos humanos através da lengua. También se trata de uma literatura común por que habla de situaciones cotidianas, hechos extraordinários, heroicos o em los que sean protagonistas personajes elevados o sobresalientes. Puede haber dioses, reyes o fuerzas naturales portentosas pero la perspectiva da observación tende a ser la de un individui común, de los animales, de lo bajo (Bravo, 2015, p.7).

Apesar de originada dos traumas do castigo da escravidão na região Sul do Brasil, entende-se que a lenda do “Negrinho do pastoreio” representa um grupo humano que, no contexto de sua fundação lendária e também nacional foram protagonistas na História, pois relatam não apenas o caso dos negros no período colonial, mas a tentativa heroica de sobrevivência humana. Daí a importância da lenda pois revela o protagonismo do negrinho órfão no drama colonial. Isso diferencia tal produção da superstição. Embora, geralmente as lendas emergem de superstições, mas conforme explica Câmara Cascudo (1988):

A superstição é sempre de caráter defensivo, respeitada para evitar mal maior ou distanciar sua efetivação. Os sinais exteriores são os amuletos que, incontáveis, transformam-se em adornos e joias e vivem na elegância universal de nossos dias. Essa legítima defesa estende-se às zonas mais íntimas do raciocínio humano e age independente de sua ação e rumo. A própria etimologia latina mostra que superstição é uma sobrevivência em sua preservação (Cascudo, 1988, p.837).

Diferente da superstição, a lenda do Negrinho do pastoreio surgiu de um drama histórico e das narrativas populares, – conforme o relato da primeira versão conhecida até o momento, já expressa o questionamento sobre a identidade “Negrinho do pastoreio”. Leia-se a versão da lenda de Antonio Maria do Amaral Ribeiro (1857):

Lenda do Rio Grande. – Há entre a plebe da Província do Rio Grande do Sul uma superstição, que tem tanto de absurda quanto de ridícula e exótica. Amiudadas vezes se vê a deshoras d’uma noite escura, junto do monturo, no canto do cerrado d’um quintal, em lugares pouco frequentados e destinados a immundicies, um côto de vela de cebo, accêso e fincado no chão. Que significará isto? Será um fanal, que alguma nova *Hero* tenha accendido para servir guia ao seu extremoso *Leandro*, com receio que elle naufrague n’esse *Hellesponto*? Não: é o cumprimento d’um voto, que nas horas de suas atribulações fez a horas de suas atribulações fez a mãe *Catharina* ou o pai *José*, para amansar seu senhor, recorrendo para isso ao *Crioulinho do Pastoreio*! E quem era esse *Crioulinho do Pastoreio*? Perguntai á tia Andreza e ouvireis maravilhas d’este Santo! Era um negrinho crioulo, escravo d’um mau senhor, que lhe dava um punhado de farinha para elle comer por dia, com a obrigação de trazer a mesma porção quando regressasse de apascentar o gado, e a quem

este, para o livrar das sevicias de seu senhor, não só subministrava a farinha precisa para viver e le var para casa, como tambem por elle cumpria a tarefa que lhe era imposta! Ouvireis a tia *Rosa* nos seus cantares descrever os tractos que ao *Crioulinho do Pastoreio* applicava seu máu senhor, como o fazel'o dormir sobre um formigueiro! E como é junto dos muros e cerrados dos quintaes, nos monturos, etc., que de ordinario as formigas se vão alojar, eis a rasão do ignobil altar de tão milagroso Santo, o qual só se allumia com cebo, que é despojo dos animaes, que tanto se condooram d 'esse nunca visto Santo e tão prestímosos lhe foram. Quanto a dever ser um, ou deverem ser tres, os côtos accesos, é questão de liturgia ainda não decidida. Os que di zem dever ser tres, fundão- se para isso nas tres especies de gado, bovino, suino e cavallar guardados pelo *Crioulinho* (sic. Ribeiro, 1857, p.207).

Depois de apresentado esse registro, retomamos o discurso de Olavo Bilac (1916) que resume a lenda, – e responde à pergunta feita por Antonio Maria do Amaral Ribeiro –, informando que se trata de uma reprodução da versão de Simões Lopes Neto. Veja-se abaixo:

Há no vosso “folk-lore” uma lenda admirável, distinctamente vossa, talvez a mais legítima de quantas alimentam a poesia popular d’esta região. É a do “Negrinho do pastoreio”.

Não sei dizel-a, com a côr e a vida local que lhe deu o vosso illustre e malogrado confrade Simões Lopes Netto... Procuro reproduzil-a, de côr, em breves palavras. Escravo humilde, o pobre pequeno era propriedade de um estancieiro rico e avaro. Este, e um filho d’elle, tão malvado como o pae, maltratavam o servo, comendo-o de trabalhos, mirrando-o de fome, desesperando-o e martyrizando-o. Encargado de pastorear, por trinta dias, trinta tordilhos negros, o Negrinho adormecera. Ladrões tresmalharam a cavallhada: o pequeno pastor perdeu o pastoreio, e, espancado e pisado, foi mandado a “campear o perdido”. Valeu-lhe a virgem, sua madrinha, e restituiu-lhe o rebanho. Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou os cavalos de novo, e o misero perdeu de novo o guardadao. Exacerbado pela cólera, o senhor amarrou o desgraçado, retalhou-o a relho, e atirou-o, morto, posta de carne em sangue, ao fundo de um formigueiro.

Passaram-se tres dias e tres noites. Na manhã do quarto dia, o algoz foi visitar a cova, em que jazia o Negrinho: e viu-o vivo, de pé, nimbado de sobre-humana luz, lindo e sereno, no meio da tropa dos tordilhos negros; e, sobre elle pairava no céu a virgem, que o abençoava... Diz o povo que o “Negrinho do pastoreio” ainda hoje vive por ahi, em campos e restingas, em banhados e rios. É um gênio generoso, um anjo bom, perpetuando-se em bondade e generosidade. É elle quem acha e descobre os animais extraviados, os objetos perdidos, as posses roubadas.

Assim, o infeliz pastorzinho, paga depois da morte, em benefícios, os sofrimentos que recebeu durante a vida... (sic.Bilac, 1916, p.192).

A retomada da Lenda do “Negrinho do pastoreio” no discurso de Olavo Bilac, em 1916, recorda que em praticamente todas as versões da lenda, - encontradas e analisadas durante a pesquisa, e no recorte temporal que corresponde de 1857 a 1859 – o negrinho trilha um caminho silencioso, geralmente sem fala e sem voz, com algumas exceções, como por exemplo “*El negrito del pastoreio*”, em 1890, do escritor uruguaio Javier Freire. Veja-se o trecho no qual ocorre o diálogo entre o senhor e o escravo:

- Que has hecho de la majada, negro? le preguntó el estanciero. Quiém te manda dormirte, cuando yo te encargo alguna cosa?
- Amito mio, mi buen amito! perdóneme usted siquiera por esta vez, que yá no lo haré outra, contestó el infeliz – y sus dientes castañeteaban como poseído de repentino frío.
- Levantate de ahí porque sinó!... Vamos á ver majada.
Esta pacía tranquilamente a muy pocas cuadradas de allí. Llegaronse á ella y el estanciero púsose a mirarla, siempre con el ceño aquel, que tenía al negrillo más muerto que vivo.
De repente exclamó com voz de trueno:
- Aqui falta um cordero! En dónde está?
- Perdón! perdón! mi amito, volvió a suplicar el negrillo com voz desgarradora. Yo lo buscaré y daré com el. (Freire, 1890, 166-169, *apud.* Meyer, 151, p.89-90)

Diante dessa questão, do silenciamento histórico do “Negrinho do pastoreio”, voltamos à pergunta “por que ele ser invocado para defender o índio Sepé Tiaraju?” Para responder tal pergunta, basta refletir sobre a motivação da invocação ao herói lendário na Cultura Popular. Ou seja, geralmente o “Negrinho do pastoreio” é invocado para ajudar a encontrar algo ou alguém que esteja perdido, assim sendo, a invocação também pode ser considerada como uma metainvocação, pois invoca o Fernandes Barbosa, conhecido em sua região como Negrinho do pastoreio, para encontrar a identidade do Herói popular e nacional. Logo, trata-se de um encontro consigo mesmo e com herói, e uma Jornada de encontro com a identidade do negrinho lendário que representa a história dos negros que viveram e participaram da História colonial, partindo do triste drama da escravidão vivido pelo negrinho órfão para encontrá-lo como herói nacional digno de memória e representação, como outros heróis que tiveram uma jornada heroica e que são lembrados pela cultura regional.

Conforme vimos, não apenas a lenda do Negrinho do pastoreio, mas o herói também ganha voz no estrangeiro. Uma voz de inocência. Tão inocente e suplicante por perdão antes do cruel assassinato que inflama ainda mais o leitor pela maldade e falta de compaixão do patrão. Esse perdeu a oportunidade de perdoar as possíveis faltas do seu criado que, mesmo

diante da crueldade humana, ainda o dirige a palavra como “amito”. Assim sendo, a narrativa traz à memória não apenas o fato do assassinato, em si, mas, também, a ingenuidade, a subserviência, até uma tentativa de sobrevivência do negro diante dos maus tratos da escravidão.

No caso da “polêmica do Sepé Tiaraju”, Walter Spalding ao invocar o lendário, acredita que a memória do índio estava se perdendo no movimento tradicionalista que, naquele momento, estava dividido. Assim sendo, ele invoca o herói lendário, também canonizado como santo pela tradição religiosa católica. Vejamos abaixo a relação de todas as vezes que o “Negrinho do pastoreio” foi tomado como motivação artística-literária. Escritas no Brasil, encontramos as versões em:

a) Textos narrativos:

- (1857) – “Lenda do Rio Grande”, de Antonio M. do Amaral Ribeiro
- (1872) – “O negrinho do pastoreio”, de Alberto Coelho da Cunha
- (1873/5?) – “O crioulo do pastoreio”, de Apolinário Porto Alegre¹
- (1879) – O manuscrito “O crioulinho do pastoreio”, de Apolinário Porto Alegre
- (1897) – “O negrinho do pastoreio”, de Alfredo Varela
- (1907) – “O negrinho do pastoreio”, de João Simões Lopes Neto
- (1912) – “Crioulo do pastorejo”, de João Cezimbra Jacques
- (1914) – “Negrinho do pastoreio”, de Roque Callage
- (1928) – “Negrinho do pastoreio”, de Darcy Pereira Azambuja
- (1941) – “O Negrinho do pastoreio”, de Paulo Werneck
- (1949) – “O Negrinho do pastoreio”, de Aluísio de Almeida

b) Textos poéticos

- (1928) – “Oração ao negrinho do pastoreio”, de Augusto Meyer
- (1929) – “Fumo Crioulo”, de Vargas Netto
- (1950) – “Lamento do pastoreio”, de Décio Frotta Escobar
- (1954) – “Negrinho do pastoreio”, de Hermelindo Cavaleiro
- (1957) – “Negrinho do pastoreio”, de Barbosa Lessa
- (1959) – “Oração e contra oração ao negro do pastoreio”, Aparício S.Rillo

c) Textos híbridos

- (1916) – Conferência “O negrinho do pastoreio”, de Olavo Bilac
- (1936) – “Negrinho do pastoreio”, de Athos Damasceno²

¹ Até o momento atual da pesquisa não tive acesso a essa versão, pois se trata de uma obra rara da Literatura Brasileira e Gaúcha.

² Trata-se de um poema longo com dupla instância de enunciação, lírica e narrativa, e aspectos épicos.

Além dessas versões brasileiras, também encontramos versões da lenda por autores estrangeiros, uruguaio e argentinos:

- (1890) – “*El negrito del pastoreo*”, de Javier Freyre
- (1917) – “*El negrito del pastoreo*”, de Juan Ambrosetti
- (1930) – “*El Quemadito*”, de Rafael Cano
- (1948) – “*Cambá del agua*”, de Juana López
- (1948) – “*Los Cambá Ig*”, de Luisa Gómez
- (1951) – “*El negrito pastor*”, de Juan Herrera
- (1952) – “*Los negritos del agua*”, de María Herrera
- (1952) – “*Los negritos del agua*”, de Elvira Quiroz

Além das versões citadas, que fizeram o resgate da lenda do “Negrinho do pastoreio”, identifica-se, também, a aparição do herói lendário em outras obras da Literatura Brasileira, quando o narrador ou algum personagem o invoca como Santo. Nesse sentido, identificamos as invocações e aparições:

- (1873) – Em *Feitiços duns beijos* de Apolinário Porto Alegre
- (1902) – Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha
- (1928) – Em *Macunaíma*, de Mário de Andrade
- (1938) – Em *Moleque*, de Athos Damasceno
- (1946) – Em *Sagarana* de Guimarães Rosa
- (1949) – Em *O continente*, de Érico Veríssimo

Observa-se que a invocação de Walter Spalding tem um sentido não apenas espiritual, mas também crítico. Sob a ótica de um historiador, vive o dilema: como narrar a História, sem considerar a história de vida do Sepé, ou ainda, desse menino órfão escravizado e morto cruelmente.

FERNANDES BARBOSA (1910-1988) EM DEFESA DO NEGRO E DO ÍNDIO

Fernandes Barbosa sempre atuou em defesa do negro e do índio e tinha autonomia de sua escrita criativa e sobre o destino de sua produção poética, e não se curvava para qualquer invocação. Em nossa pesquisa, percebemos que o poeta não era muito inclinado a fazer poemas

ou obras literárias encomendadas, e era irreverente com alguns pedidos. Inclusive feitos por autoridades locais, como quando o prefeito da cidade lhe deu um “Código de Posturas” para que ele lesse e emitisse um parecer, ele o devolveu não com o parecer solicitado, mas com um soneto que foi publicado em Jornal “Caderno Diário de Notícias”, conforme relata Pacheco (1966):

Quando o prefeito de Cachoeira Liberato Salzano Vieira da Cunha, este entregou a Fernandes Barbosa – então Secretário do Município – o projeto do Código Municipal de Posturas. Devia emitir parecer. O poeta, que é homem das letras e não de leis, versejou a respeito, sendo o poema mandado publicar pelo próprio prefeito, também diretor do jornal local (Pacheco, 1966).

Em Seguida O Soneto Devolvido Como Resposta Ao Pedido De Emissão Do Parecer, Do Poeta Que “Parece” Não Entender De Leis:

O Código maçudo de Posturas,
Que o senhor entregou-me para ler,
Devolvo-lhe despido das mensuras,
Que há nas chateações de um parecer

Depois de lê-lo com desenvolturas,
Sem a nenhum artigo me prender,
Co’a candidez das simples criaturas,
Sinceramente venho lhe dizer...

Que para mim são muito complicadas,
Essas normas assim codificadas,
Tentando colocar tudo na linha.

E usando da maior sinceridade,
Juro, senhor prefeito, que, em verdade,
Só entendo de posturas de galinha.
(Fernandes Barbosa *apud* Pacheco, 1966).

Segundo relato de Pacheco (1966), “este soneto foi transcrito pelos principais jornais do Brasil, entre os quais “A noite” do Rio de Janeiro, que afirmou “... Fernandes Barbosa é cem por cento e tem talento em alta metragem” e dizia que o soneto era “digno de figurar em qualquer antologia, no gênero” (Pacheco, 1966).

De fato, constata-se no artigo referido por Pacheco, “Um soneto de Fernandes Barbosa e um comentário de “A noite” do Rio de Janeiro”, publicado em 1944, que o soneto teve grande repercussão na mídia jornalística, embora tenha sido um poema feito sobre o joelho e para

uso interno da Prefeitura de Cachoeira do Sul, na qual o poeta era Secretário Municipal e, se assumia como poeta e funcionário público nas horas vagas (Fernandes Barbosa, 1999), colocando seu ofício de poeta à frente do serviço de funcionalismo público que desempenhou por anos, conforme veremos mais adiante.

Em nossa pesquisa, por meio de depoimentos de familiares, amigos e textos registrados em jornais, tivemos ciência de que Fernandes Barbosa não era leigo das leis, pois atuou como rábula, no exercício da advocacia. Inclusive, a neta Simone guarda, ainda, consigo a placa pela qual o poeta era identificado como advogado, e atuava em defesa dos mais pobres.

Nesse engenho, ele, inclusive, em alguns casos conhecidos, utilizava seus poemas como argumento de defesa e estes logo eram publicados em jornais e, com isso, tornava público o caso promovendo entre o povo, leitores desses jornais, um debate revoltoso sobre o caso de injustiça cometida na cidade e que foi explorado como tema no poema. Um exemplo foi o caso do feirante abordado por autoridades policiais por estarem vendendo ovos escondidos na feira livre. Esse foi um dos casos mais conhecidos e, ao que parece, o que teve maior repercussão local. Conforme relata Pacheco (1966):

Quando determinado prefeito de Cachoeira, há anos, praticou contra um colono ato que ao poeta pareceu arbitrariedade, saiu à liça. Mesmo sendo servidor municipal, publicou no “Jornal do Povo”, tradicional órgão local, violento poema em que glosava e combatia sua atitude. Quando se viu ameaçado de suspensão, voltou à carga. Mais violento. Não teve jeito, tachado de ignorante e incapaz, além de muitas coisas mais. Foi lançado ao ridículo pela pena virulenta do poeta que, como era de esperar, acabou suspenso das funções (Pacheco, 1966).

O poema ao qual Pacheco se refere é “O prefeito e os ovos”, que cito abaixo:

1 Para a festa programada, / Com galinha e carne assada, / E a rutilância dos vinhos, / O ecônomo do Rio Branco, / Ao feirante, de tamanco, / Pedira uns ovos fresquinhos. / 2 / E na véspera da festa, / De granja longe e modesta, / Onde, às vezes, não tem pão, / O feirante, com cuidado, / Traz cada ovo empalhado / E agrupados no caixão. / 3 / Como era coisa pedida, / E já, portanto, vendida, / Guardo-a, pois, no Mercado, / Enquanto, pra freguesia, / Na Feira-Livre vendia, / Produtos do seu roçado. / 4 / Mas foi pesado o rapaz, / Porque virando pra trás, O fiscal bronco e atrevido, / Com seu nariz aguçado / Pressentiu que, no Mercado, / Cheirava a ovo escondido. / 4 / E que barulho infernal / Ao deparar o fiscal / Com os ovinhos desse jeito!... / 5 / Esbravejou, juntou povo, / E agarrou rapaz e ovo, / Levando tudo ao Prefeito. / 6 / – Nosso Fiscal tem razão! – / Berrou logo o Capitão, / Que não é nenhum sandeu. / E num tamanho alvoroço / Pegou dos ovos do moço / E a quem nao

tinha os vendeu. / 7 / Mas em nome do espoliado, / Desse feirante, coitado, / Que quase foi pra cadeia, / Acuso o modo nazista, / Dessa gente trabalhista, / De avançar na coisa alheia. / 8 / Onde o direito da gente? / Cadê o direito dos povos? / – Neste país indecente, Não se é dono nem dos ovos! / (Fernandes Barbosa, 1990 – grifos do poeta)

Esse poema encontra-se em documento manuscrito datilografado disponível no Museu de Cachoeira do Sul, onde em nota explica: “Este poema me custou 30 dias de suspensão sem vencimento. Respondia pela Prefeitura o vice Cap. Henrique Guignatti, do Partido Trabalhista Brasileiro. Em represália publiquei, em seguida, o poema “Sargento, Capitão, Prefeito”. (Fernandes Barbosa, 1990)

Nota-se que na última estrofe que encerra esse poema, o poeta questiona “onde o direito das gentes?” e “cadê o direito dos povos?”, em âmbito universal, ou seja, uma alusão que questiona os Direitos Humanos. Assim sendo, sua obra, de forma mais ampla, e não somente esse poema citado como exemplo, pode ser lida e analisada à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948.

Vejamos o poema “Sargento, Capitão, Prefeito”, o qual cita como represália à suspensão dada pelo prefeito por causa do poema em defesa do feirante:

1 Era um simples sargentão, / Que chegou a capitão, / Numa enchente de decreto... / Não julgueis que fez carreira, / Porque foi a vida inteira / Fulgurante analfabeto. / 2 / Com três divisas no braço, / Já se via com embaraço / E a todos causava assombro... / Calculai, meus camaradas, / Trazendo, agora, plantadas, Três-Marias no seu ombro! / 3 / Em que empregou seu talento? / – No banal Recrutamento / Do Serviço Militar... / Coisa séria que exigia / Só pregar fotografia, / Lamber selos e selar. / 4 / Imaginai o sujeito / Metido, agora, a Prefeito, / O sonho dos sonhos vãos! / O que dele depender / Só poderá resolver / Metendo os pés pelas mãos. / (Fernandes Barbosa, 1990)

Em suma, podemos dizer que o poeta Fernandes Barbosa é engajado em sua militância, sendo inclinado a atender àqueles considerados mais marginalizados e fragilizados na História. Tendo um ouvido sensível à apelação popular, ouviu a invocação da História e aceitou a o desafio de buscar a identidade do Negrinho do pastoreio como uma jornada heroica de sua escrita poética, pois escreveu o épico e vários outros poemas sobre a temática do negrinho judiado.

Em seu discurso “À sombra de duas bandeiras tristes o Governador acende outra fogueira”, Fernandes Barbosa sintetiza sua militância: “QUE OS RICOS SEJAM MENOS PODEROSOS E OS POBRES MENOS SOFREDORES”, em seguida finaliza “E conte com a

xerengue imprestável de minha pena, se assim o fizer” (Fernandes Barbosa, *apud*. Fernandes Barbosa, 1999).

Assim sendo, ele não poderia negar resposta à invocação feita por Walter Spalding em 1955 para defender Sepé Tiaraju, em prol da busca do reconhecimento do Estado para o heroísmo do índio missioneiro que representa um tipo humano vítima de genocídio na época colonial.

Além da invocação ser dirigida a um santo que é consagrado pela cultura popular e tradição religiosa pela fama de realizar feitos milagrosos em encontrar objetos e, até pessoas, que são considerados perdidos, Walter Spalding parece invocar, dentre tantos poetas do Rio Grande do Sul, o Fernandes Barbosa cuja fama era de agir em defesa daqueles que eram considerados oprimidos pelo autoritarismo e fascismo da sociedade, naquele momento.

Uma vez invocado para agir em defesa do índio Sepé Tiaraju, Fernandes Barbosa apresenta ao público em 1964 seu poema épico *Sepé – o morubixaba rebelde*³. No entanto, cinco anos antes, em 1959, o poeta já havia respondido à invocação que Walter Spalding fez ao “Negrinho do pastoreio”, atendendo à invocação com sua *Súplica ao negrinho do pastoreio*, poema épico no qual o eu-lírico/narrador participa da matéria narrada, associando-se ao herói “Negrinho do pastoreio”.

De certa forma, Fernandes Barbosa não foi o único a se manifestar, nesse período, na década de 1950, com produções literárias com temáticas voltadas para o “Negrinho do pastoreio”, pois como vimos acima, a literatura teve obras escritas por: Décio Frotta Escobar, com seu *Lamento do pastoreio*, de 1950; Hermelindo Cavaleiro, com seu “Negrinho do pastoreio”, de 1954; Barbosa Lessa, com seu “Negrinho do pastoreio”; e Aprício Silva Rillo, com sua “Oração e contra oração ao negro do pastoreio”, de 1959. Nesse contexto, na Argentina, percebe-se algumas produções marcadas pelo hibridismo cultural, fazendo a junção da lenda do “*Fantasmas del agua*” e “*Negrito del pastoreio*”, de: Juan Herrera, com seu “*El negrito pastor*”, de 1951; Maria Herrera, com seu “*Los negritos del agua*”, de 1952; e Elvira Quiroz, com seu “*Los negritos del agua*”, de 1952.

Outro fato que não deixa dúvidas que a invocação foi dirigida a ele, como “Negrinho do pastoreio”, é a presença do manuscrito datilografado da “Carta ao Negrinho do pastoreio” no mesmo arquivo manuscrito datilografado de *Súplica ao negrinho do pastoreio* (1959), disponível no Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima - RS.

Dessas produções literárias da década de 1950, inclusive até as outras, publicadas anteriormente, percebe-se que Fernandes Barbosa (1959) foi um escritor que literariamente e literalmente se colocou no lugar do personagem com sua *Súplica ao negrinho do pastoreio*,

³ Na primeira edição de *Sepé – o morubixaba rebelde* não consta o ano de publicação, assim sendo, foi preciso recuperar essa informação por meio de pesquisa e consulta em textos jornalísticos, cartas e comentários sobre a data de publicação da referida obra.

participando da matéria narrada. Nisso, podemos dizer, reside um dos maiores critérios de originalidade do poeta ao retomar a lenda do “Negrinho do pastoreio”.

Em 1955, ano da invocação ao “Negrinho do pastoreio”, o poeta proferiu um discurso em defesa das lendas:

Creio no Brasil das epopeias guerreiras, da lenda da Yara, do Saci, da Mula-Sem-Cabeça, do Boi-Tatá, do Lobis-Homem e do Negrinho do Pastoreio, a quem peço, com a mesma credulidade do meu tempo de menino, que nos ajude a encontrar o Brasil de amanhã, guiando os nossos passos no verdadeiro caminho da grandeza nacional, acendendo em nossos corações a chama do patriotismo, para que ainda com a mesma beleza, com a mesma luminosidade, com o mesmo calor do fogo inflamado do distante cemitério de Pistóia, e hoje tremeluz nas lâmpadas votivas das nossas velhas catedrais, simbolizando a imortalidade da alma brasileira, dos brasileiros que souberam morrer em defesa da integridade do Brasil! (sic. Fernandes Barbosa, 1955).

Nota-se no discurso de Fernandes Barbosa, não apenas um defensor fiel, mas também, um crente devoto, das lendas tradicionalmente gaúchas. Entre as citadas, uma em especial é invocada no desenvolvimento de sua fala, a do Negrinho do Pastoreio, o qual invoca para encontrar o “Brasil do amanhã”, o qual teme ser perdido. Assim, na voz do poeta e representante dos ruralistas de Cachoeira, o poeta expõe sua crença na Reforma Agrária tal como crê nas lendas e na tradição gaúcha, e no nacionalismo patriótico.

Mais adiante ele continua seu discurso, no qual tenta apaziguar a reação dos fazendeiros locais, incrédulos com a Reforma Agrária, e manifesta entusiasmado sua crença no Brasil e nos brasileiros, e, por isso, seu apoio ao Movimento da Reforma Agrária:

Meus amigos:

Por acreditarmos no Brasil, no espírito empreendedor de sua gente, na capacidade criadora de seu povo, no patriotismo jamais destemido dos descendentes de um Sepé, de um Guairacá, de um Vidal de Negreiros, de um Henrique Dias, de um Felipe Camarão, de uma Maria Quitéria, de um Fernão Dias, de um Borda Gato – cidades ... – é que aqui nos encontramos, de alma alvoroçada, olhos voltados para o Brasil de amanhã, emprestando a nossa modesta colaboração aos gigantes dessa cruzada – A campanha Nacional da Reforma Agrária.

Medida que se impõe, não pode e não deve assustar aos nossos fazendeiros, que, no silêncio verde das fazendas, trabalham e produzem, ajudando a construir a grandeza da Pátria, e cuja propriedade, portanto, tem finalidade social. [...] Com que prazer, senhores, eu abracei essa causa! (sic. Fernandes Barbosa, 1955).

O engajamento do poeta, movido pelo entusiasmo de espírito e pela fé na Reforma Agrária, pela dedicação ao trabalho em prol do “futuro da Pátria”, talvez, justifique o tempo de resposta não apenas à invocação de Walter Spalding, mas, também, no tempo de criação e publicação de suas obras.

Além disso, para a elaboração do poema épico Sepé – o morubixaba rebelde (1954), o poeta fez uma pesquisa bibliográfica e histórica, cujas fontes são citadas no final do livro, que foram: *O primeiro caudilho Rio-Grandense* (1957), de Mansueto Bernardi; *Tiaraju* (1945), de Manoelito de Ornellas; *O Rio Grande e o Prata: contrastes* (1962), de Moysés Vellinho; *Secretário e testemunha presencial de Gomes Freire – Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguai*, publicado na Revista do Instituto Historiográfico Brasileiro, em (1853), de Manoel da Silva Neves; *A pérola das Reduções Jesuíticas* (1949), do prof. José Hansel; *As Missões Orientais e seus antigos domínios* (1909), de Hemetério José Veloso da Silveira.

Inclusive, como veremos mais adiante quando tratarmos do processo de criação literária, esse período (1950-1964), parece ter sido o mais produtivo, no qual se dedicou à criação de: *Carreirada* (1954) – publicado no ano da morte de Getúlio Vargas e que narra em tom de balada regional o caso de uma carreirada entre o zaino do pereira e uma eguita – *Figurinhas do Bazar* (1956) – feitos para a escola Municipal Neves de Fontoura, e que apresenta às crianças como brinquedos de um bazar, e, também, uma metáfora da imagem do Brasil como foi vendida - ; *Noite Feliz* (1958) – um poema infantil com aspectos do épico no qual o poeta recorre à temática do Natal, narrada em tom lírico e em linguagem adaptada para crianças; *Súplica ao Negrinho do pastoreio* (1959), poema épico que relata a lenda do “Negrinho do pastoreio”, e na qual o eu-lírico/narrador participa da matéria narrada; *Cretino é quem toma de uma enxada* (1960) – poema com aspectos épicos, no qual o poeta se propõe a “narrar a Odisseia do trabalhador rural”; e *Sepé – o morubixaba rebelde* (1964), no qual relata os feitos do índio Sepé Tiaraju como herói e problematiza com a ideia de que, “verdade histórica falseada” por Basílio da Gama, conforme ele cita em nota de rodapé, usando o recurso utilizado desde as primeiras epopeias gregas, ao explicar a referência “Gamas”, no soneto que encerra o relato épico. Vejamos o soneto e em seguida a explicação direcionada ao poeta árcade:

Ao vencedor entreguem-se as batatas,
Pondo-lhe o feito em traços de pintura,
Ergam-lhe estátuas, gravem-se nas pratas,
As imortais legendas de bravura.

Que Gamas cantem todas as bravatas,
Em “Uruguais” de fina contextura,
E colham flores no frescor das matas,
Para enfeitar a sua sepultura.

E neguem a Sepé um monumento,

Dê-mo à vala comum do esquecimento,
Enquanto o tempo role e se desande.

Esqueçam a figura do ameraba,
Que fui buscar no fundo de uma taba,
Para embalar nos braços do Rio Grande.
(Fernandes Barbosa, 1964, p.83)

Em seguida faz a apresentação do autor de *O Uruguai* (1769)

José Basílio da Gama, poeta mineiro, e primeiro pelego nacional, desejando favores da Côrte, através do ministro Sebastião José Carvalho, escreveu o poema “O Uruguai”, enaltecendo Gomes Freire e José Joaquim Viana, falseando, subalternamente, a verdade histórica, em detrimento de Sepé Tiaraju (Fernandes Barbosa, 1964, p. 83).

Observa-se que, a partir desse episódio envolvendo a polêmica em torno do Sepé Tiaraju, e, talvez por isso, parece que Fernandes Barbosa passou a se dedicar com mais ênfase a um projeto literário mais engajado e mais politizado.

Assim, com a sua *Súplica ao negrinho do pastoreio* (1959) e com o *Sepé – o morubixaba rebelde* (1964), ele se consagra na Literatura Brasileira como um defensor do “negro” e do “índio”. Confirmando seu perfil heroico,

O herói nos fascina tanto porque pura e simplesmente ele personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso nos identificamos com ele. Reencontramo-nos nos seus medos e sofrimentos, nos seus combates, vitórias e derrotas, na luta pela sobrevivência. Ele é o nosso consolo nos tempos difíceis e nos dá esperanças de que, apesar de tudo, podemos conseguir algo, de que não estamos entregues a um destino cego, ainda que tudo pareça em vão. Ele também nos serve de modelo. Quase sempre mostra-nos virtudes e valores humanos mais maduros, como por exemplo a coragem civil e o desinteressado engajamento social e, de certa maneira, cumpre uma tarefa social muito importante. Nossa identificação com ele encoraja-nos a conservar esses valores, mesmo quando não vemos mais esperanças e preferiríamos nos resignar (Müller, 2017, p.9).

Assim, a defesa do “negro” e do “índio” passa a ser uma defesa do próprio caráter nacional, pois são tipos humanos diretamente ligados – pelo protagonismo histórico – ao processo de formação da nação. Nesse sentido, Fernandes Barbosa, reconhecido como o “Negrinho do pastoreio”, invocado a agir como intermediário entre os membros do IHGRGS, tal como agiu o elemento “negro”, desde o período colonial, conforme explica Gilberto Freyre (2001), em relação ao negro como mediador:

A mediação africana no Brasil aproximou os extremos, que sem ela dificilmente se teriam entendido tão bem, da cultura europeia e da cultura ameríndia, estranhas e antagônicas em muitas das suas tendências. [...] a formação brasileira tem sido [...] um processo de equilíbrio entre antagonismos. O antagonismo da economia e da cultura. A cultura europeia e a cultura indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emoaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e a pátria. O bacharel e o analfabeto. Mais predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (Freyre, 2001, p.124-125).

Assim, a invocação ao “Negrinho do pastoreio” configura-se, também, como uma invocação à imagem do negro africano como mediador político, cultural e social. Ao publicar *Súplica ao negrinho do pastoreio*, colocando-se na matéria narrada e se associando ao “negrinho do pastoreio”, Fernandes Barbosa se assume como tal mediador. Vejamos abaixo um anagrama explicativo:

Figura 4 - Anagrama do “negro” como mediador cultural



Fonte: dados da pesquisa. Nota: Elaboração própria.

No entanto, à medida em que o autor – reconhecido como o negrinho do pastoreio – também se insere no outro, ao se assumir índio, ocorre um descentramento do sujeito que segundo Stuart Hall (2001) significa a perda de sentido de si e “esse duplo deslocamento – descrenção dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto a si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo” (Hall, 2001, p.9).

Vejamos abaixo, momento em que o poeta assinando como Fernandes Barbosa se assume índio, e com mesma irreverência, parecendo perder as “estribeiras” e saindo da passividade do “negrinho do pastoreio”:

Se fui índio safado,
Tropeiro só de pecado,
Maldoso como carancho,
Missa de sétimo dia
Não vai servir-me de guia

Para encontrar esse RANCHO.

[...]

(Fernandes Barbosa, 1990)

Vejamos agora, um momento no qual também se assume índio, porém dessa vez assinando como João do Adro:

Sou índio velho, arajano,
Aporreado bagual,
Que não suporta tirano,
Abotoador de buçal.
(João do Adro, 1986).

Assim, com o poema épico *Sépé – o morubixaba rebelde*, percebe-se o mesmo movimento de descentramento do “eu”. Nesse sentido, nota-se que a mudança de perspectiva de herói pacífico para herói de guerra quase sempre tem motivações históricas, políticas, e religiosas, e geralmente movidos por guerras, disputa de terras e dominação territorial e cultural.

Com esse épico, o eu-lírico/narrador tentou cumprir sua função de mediador cultural – apesar do determinismo histórico da lenda, ao qual ele não busca desconstruir, mas trazê-la para um debate contemporâneo – e acredita ter encontrado a “figura do ameraba”, esquecida no fundo de uma taba.

E, em 1959, Fernandes Barbosa publica sua *Súplica ao Negrinho do Pastoreio* (1959), cujo eu-lírico/narrador relata em tom de épico a lenda do Negrinho do Pastoreio, fazendo uma revisitação de todas as versões publicadas anteriormente, e defendendo o negrinho judiado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre invocação ao “Negrinho do Pastoreio” nas “Cartas ao negrinho do Pastoreio” trocadas entre Walter Spalding, sob a invocação de Blau Severo, e Fernandes Barbosa, apresenta um tom de urgente reivindicação histórica da identidade do negro representado pelo herói. O poeta de Cachoeira do Sul aceitou a invocação e usou o tema como matéria em vários de seus poemas: “Súplica ao negrinho do pastoreio” (1959- poema lírico); e *Súplica ao negrinho do pastoreio* (1959), poema épico; Ano da criança – poema lírico; e “Negrinho do pastoreio, em Preto e Branco (1986). Tal busca pela identidade do herói tornou-se uma causa pessoal e humana de defesa e de reencontro com a História, com a Cultura e com o próprio “Negrinho do Pastoreio”.

Conclui-se que a invocação e o resgate da obra do poeta Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988) é uma forma de resgate e valorização da cultura regional, principalmente porque trazem a representação desses tipos humanos fragilizados na História, mas que foram consagrados heróis em suas obras, tais como: o índio, o negro, a criança, o pobre, o trabalhador rural, entre outros. Nesse sentido, finalizamos invocando o resgate dessas obras que se encontram em

edições raras e/ou em manuscritos datiloscrito devido à falta de recursos por parte do poeta para fazer a publicação em vida. Somente assim será possível contribuir com futuras pesquisas voltadas à análise crítica dessas obras.

REFERÊNCIAS

Dossiê genético de Súplica ao Negrinho do pastoreio

FERNANDES BARBOSA, Nilo. **Súplica ao Negrinho do Pastoreio**. 1. ed. Com revisões manuscritas feitas pelo poeta. Santa Cruz-RS: Tipografia Santa Cruz, 1959.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. **Súplica ao Negrinho do Pastoreio**. 1. ed. Com revisões manuscritas feitas pelo poeta. Santa Cruz-RS: Tipografia Santa Cruz, 1959.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. **Súplica ao negrinho do pastoreio**. Manuscrito datilografado. Rio Grande do Sul: Arquivo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul – RS, 1959.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. Súplica ao negrinho do pastoreio. Poema manuscrito. In: **Antologia**. Rio Grande do Sul: Arquivo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul – RS, ?.

OUTRAS OBRAS E TEXTOS LITERÁRIOS DO POETA

FERNANDES BARBOSA, Nilo. **Sepé – o morubixaba rebelde**. Porto Alegre-RS: Tipografia Santo Antônio – Pão dos pobres, 1964.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. “Sou índio velho aragano”. In: **Trovas ao vento**. Manuscrito datiloscrito. Particular do autor. Documento do meu arquivo pessoal. Doação da família. 1966.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. “Me desculpe, seu vigário”, “Sargento-Capitão-Prefeito”, “O prefeito e os ovos”, “O adventício”, “Por que?” e “O trovador”. Poemas manuscrito datilografado. In: **Antologia**. Rio Grande do Sul: Arquivo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul – RS, 1990.

OUTROS DOCUMENTOS

FERNANDES BARBOSA, Nilo. Álbum de fotografia e recortes. In: **Arquivo Nilo Fernandes Barbosa (reserva única)**. Doação de Ana Rita Fernandes Barbosa de Carvalho à Cachoeira do Sul-RS: Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, em 1990.

FERNANDES BARBOSA, Nilo. “O prefeito e os ovos”, “Sargento, Capitão, Prefeito” e “Código de posturas”. Poemas manuscrito datilografado. In: **Antologia**. Rio Grande do Sul: Arquivo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul – RS, 1990.

REFERÊNCIAS CRÍTICAS-TEÓRICAS

- AMBROSETTI, Juan B. **Supersticiones y leyendas**. Región Misionera – Valles Calchaquies Las Pampas. Buenos Aires: “La cultura argentina”, 1917.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGUINO. **A Poética clássica**. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruma. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BRAVO, Álvaro Fernandez. **Mitos y leyendas de Sudamérica**. Ciudad autónoma de Buenos Aires: la marca editora, 2015.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.
- GRANADA, Daniel. “El mito em la natureza vegetal”. In: **Reseña Histórico – descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de La Plata**. Montevideo: A. Barreiro Ramos, Editor; 1896.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição crítica. Organização: Pedro Meira Monteiro, Lília Moritz Schwarcz. Estabelecimento de textos e notas: Mauricio Acunã e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre - RS: Estante do Rio Grandense União de Seguros – ERUS, 1979; Officina gráfica da Escola de Engenharia; 2012.
- RAMALHO, Christina. Sobre a invocação épica. In: **Poemas épicos: estratégias de leitura**. 1. ed. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.
- MARTINS, Jefferson Teles. **Dois modelos de História em disputa no IHGRGS nos anos 1950: o caso Sepé Tiaraju**. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 149, p. 185-206, dezembro de 2015.
- MARTINS, Jefferson Teles. A polêmica em torno do Sepé Tiaraju. In: **O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.
- OLIVEIRA, Ellen dos Santos. **O herói Sepé em duas versões: O Uruguai e Sepé – o morubixaba rebelde**. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- VASCONCELOS DA SILVA, Anazildo; RAMALHO, Christina. **História da Epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Volume 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007).

TEXTOS DE JORNAIS E REVISTAS

BARBOSA, Fernandes. **Modernismo é um retrato do túnel**: só se enxerga o oco. Entrevista ao Jornal do Povo. *In*: Jornal do Povo. 1981.

HERLEIN, Natálio. Poesia gauchesca. Santa Maria - RS: 1967. *In*: Álbum de fotografia e recortes. *In*: **Arquivo Nilo Fernandes Barbosa (reserva única)**. Doação de Ana Rita Fernandes Barbosa de Carvalho à Cachoeira do Sul-RS: Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, em 1999.

JORNAL DO POVO. **A cidade perde seu poeta**. (Recortes de Jornal doado pela família, Ana Maria Fernandes Barbosa Carlin). Cachoeira do Sul-RS, 1988.

PACHECO, Wulde. “Nosso poeta” de cachoeira. *In*: **Diário de Notícias. Caderno**, n. 2. Cachoeira do Sul-RS, 1966, p. 03.

SPALDING, Walter. Nótulas Bibliográficas. Jornal do dia, 1960 (informação acrescentada de caneta esferográfica azul). *In*: Álbum de fotografia e recortes. *In*: **Arquivo Nilo Fernandes Barbosa (reserva única)**. Doação de Ana Rita Fernandes Barbosa de Carvalho à Cachoeira do Sul-RS: Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, em 1999.

FERNANDES BARBOSA. “Escândalo e crise do arroz: a Capital do arroz protesta!”. “Fernandes Barbosa: o homem e...”. “A verdade nua e crua sobre a atual debacle da lavoura”. Álbum de fotografia e recortes. *In*: **Arquivo Nilo Fernandes Barbosa (reserva única)**. Doação de Ana Rita Fernandes Barbosa de Carvalho à Cachoeira do Sul-RS: Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, em 1999.

FERNANDES BARBOSA. Inicia-se o movimento efetivo pela Reforma Agrária. Revista “Novo Horizonte” palegre, 1955 (informação do local e ano de publicação informada de caneta esferográfica de tinta azul desbotada). Álbum de fotografia e recortes. *In*: **Arquivo Nilo Fernandes Barbosa (reserva única)**. Doação de Ana Rita Fernandes Barbosa de Carvalho à Cachoeira do Sul-RS: Museu de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, em 1999.

Recebido para publicação em: 23 jun. 2024.

Aceito para publicação em: 20 out. 2024.